## EXPLICAÇÃO AINDA MAIS SIMPLES.

O senhor Virgílio Corrêia Filho quis responder, pela segunda vez, às minhas críticas, mas evitando responder sequer a uma só, e, por isso, buscando pôr uma pedra tumular sôbre seu infeliz "perfil" de janeiro-março de 1950. Disso se deve concluir, como terá concluido o leitor inteligente, que nada há que responder.

Com tudo isso, o senhor Corrêia quis dar a última palavra, mesmo limitando-se a deixar o assunto no ar, inconcluso. Doi-lhe ser considerado um "romancista" e declara solenemente — vejam só! — que as polêmicas fazem perder tempo precioso. Depois disso, considera encerrado o episódio, "provocado pelo culto vespuciano de fervoroso apóstolo".

Quando um escritor, chamado a prestar contas dos seus erros (o senhor Corrêia Filho se diz "agredido"), recusa-se a discutir, e busca escapatórias chamando ao caso Ruy Barbosa e Schiller — que entram aqui como Pilatos no Credo — é claro que, também da minha parte, nada resta a fazer senão considerar encerrado o episódio.

Sou forçado apenas a acrescentar que não calquei a mão, propositadamente, desde o meu primeiro artigo (Revista de História, 1952, pp. 189-194), exatamente porque era claro que aquelas duas paginazinhas do senhor Corrêia não tinham nenhuma consistência científica. Mas, desde que o senhor Corrêia espera sair-se com a sua, falando de "culto vespuciano de fervoroso apóstolo", reservome o diretio de submeter a exame crítico todo o seu artigo, de modo que o leitor perceba com quanta seriedade êle se meteu a falar de um tema que evidentemente não conhece.

Com licença de Ruy Barbosa e de Schiller, esta demonstração não é totalmente inútil. Servirá, quando menos, para induzir a algum outro "romancista" a não seguir o exemplo do senhor Corrêia. E bom será, porque inútil não é a crítica ou a polêmica, mas os exercícios oratórios de quem escreve despropósitos, e depois se encrespa quando outros os põe em evidência, como é seu direito e, no meu caso, também seu dever.

GIUSEPPE CARACI da Universidade de Roma.